

## NÃO TEM PREÇO: CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES PARA A GESTÃO E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE EM AGROECOSSISTEMAS

PRICELESS: WOMEN'S CONTRIBUTION TO THE MANAGEMENT AND CONSERVATION OF BIODIVERSITY IN AGROECOSYSTEMS

INVALUABLE: LA CONTRIBUCIÓN DE LAS MUJERES A LA GESTIÓN Y CONSERVACIÓN DE LA BIODIVERSIDAD EN LOS AGROECOSISTEMAS

Crísea Cristina Nascimento de Cristo<sup>1</sup>

Alessandra Keilla da Silva<sup>2</sup>

João Manoel da Silva<sup>3</sup>

Jakes Halan de Queiroz Costa<sup>4</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou ampliar a discussão, a partir da literatura pesquisada, sobre as contribuições das mulheres para a gestão e salvaguarda da biodiversidade local por meio do manejo de agroecossistemas brasileiros. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa baseada em artigos publicados entre 2020 e 2024, indexados nas plataformas Scopus, Google Scholar e SciELO. Os estudos encontrados foram compilados, combinados aos resultados da busca e organizados após a remoção de duplicatas. A seleção inicial considerou títulos e resumos que apresentavam relação direta com as palavras-chave utilizadas, e os textos completos elegíveis foram analisados em profundidade. As buscas utilizaram as palavras-chave “mulheres”, “biodiversidade”, “agroecologia” e “produtividade”. Conclui-se que integrar gênero, diversidade e agroecologia em pesquisas futuras poderá ampliar a compreensão dos marcadores sociais, econômicos e culturais que moldam a produção e as vivências das mulheres rurais, bem como evidenciar como suas práticas fortalecem, transformam e irradiam a agroecologia como projeto político, epistemológico e produtivo.

1

**Palavras-chave:** Gênero. Agricultura. Feminismo.

**ABSTRACT:** This article aimed to broaden the discussion, based on the literature reviewed, on the contributions of women to the management and safeguarding of local biodiversity through the management of Brazilian agroecosystems. To this end, a narrative review was conducted based on articles published between 2020 and 2024, indexed in the Scopus, Google Scholar, and SciELO platforms. The studies found were compiled, combined with the search results, and organized after removing duplicates. The initial selection considered titles and abstracts that showed a direct relationship with the keywords used, and the eligible full texts were analyzed in depth. The searches used the keywords "women," "biodiversity," "agroecology," and "productivity." It is concluded that integrating gender, diversity, and agroecology in future research may broaden the understanding of the social, economic, and cultural markers that shape the production and experiences of rural women, as well as highlight how their practices strengthen, transform, and disseminate agroecology as a political, epistemological, and productive project.

**Keywords:** Gender. Agriculture. Feminism.

<sup>1</sup>Técnica de Laboratório/Agroecologia no IFAL - Campus Murici.

<sup>2</sup>Discente de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR-UFES).

<sup>3</sup>Docente do curso de Agronomia na UFAL - Campus de Engenharias e Ciências Agrárias.

<sup>4</sup>Docente do curso de Agronomia na UFAL - Campus de Engenharias e Ciências Agrárias.

**RESUMEN:** Este artículo tuvo como objetivo ampliar el debate, a partir de la literatura revisada, sobre las contribuciones de las mujeres a la gestión y salvaguarda de la biodiversidad local mediante la gestión de los agroecosistemas brasileños. Para ello, se realizó una revisión narrativa de artículos publicados entre 2020 y 2024, indexados en las plataformas Scopus, Google Scholar y SciELO. Los estudios encontrados se recopilaron, se combinaron con los resultados de la búsqueda y se organizaron tras eliminar los duplicados. La selección inicial consideró títulos y resúmenes que mostraban una relación directa con las palabras clave utilizadas, y los textos completos elegibles se analizaron en profundidad. Las búsquedas utilizaron las palabras clave "mujeres", "biodiversidad", "agroecología" y "productividad". Se concluye que la integración de género, diversidad y agroecología en futuras investigaciones puede ampliar la comprensión de los marcadores sociales, económicos y culturales que configuran la producción y las experiencias de las mujeres rurales, así como resaltar cómo sus prácticas fortalecen, transforman y difunden la agroecología como un proyecto político, epistemológico y productivo.

**Palabras clave:** Género. Agricultura. Feminismo.

## INTRODUÇÃO

O fazer e refazer da agricultura têm permitido o desenvolvimento da sociedade como a conhecemos hoje. As mulheres são consideradas protagonistas no despertar para produção de alimentos (BIASE L, 2007). Apesar disso, historicamente estas têm sido colocadas como menores no processo de trabalho, desenvolvimento territorial e fomento econômico no campo. Existe um juízo de valor culturalmente arraigado na sociedade, que nega o status de trabalho para processos que não geram renda direta (SCHWENDLER SF, 2015). Neste contexto, fica evidenciado o apagamento das mulheres rurais e da sua relação produtiva com a terra.

De maneira geral, é importante salientar que o trabalho desempenhado pelas populações rurais tem sido reconhecido como importante ferramenta de conservação da biodiversidade, enfrentamento às urgências climáticas e produção de alimentos saudáveis, com potencial de abastecimento mundial (CENCI DR e LORENZO C, 2020). No entanto, a participação econômica das mulheres nesse processo ainda é pouco investigada (ZAREMBA H, et al., 2021).

Apesar dessas lacunas, observa-se que as práticas produtivas conduzidas pelas mulheres no campo têm desempenhado um papel decisivo na preservação da biodiversidade, especialmente quando articuladas aos princípios da Agroecologia. Nos quintais, hortas, roçados e áreas de extrativismo manejadas majoritariamente por mulheres, são mantidos sistemas complexos de cultivo, conservação de sementes, proteção do solo e uso de espécies nativas que fortalecem a resiliência dos agroecossistemas. Esses espaços, muitas vezes tratados como complementares, funcionam como núcleos de diversidade biológica e cultural, onde saberes

tradicionais, cuidados cotidianos e estratégias de convivência com o semiárido, por exemplo, se convertem em ações efetivas de salvaguarda ambiental. Assim, compreender como as mulheres estruturam esses manejos produtivos é fundamental para revelar dimensões da conservação que ainda permanecem pouco visíveis na literatura, mesmo sendo essenciais para a manutenção da vida e para o enfrentamento das vulnerabilidades climáticas.

No Brasil, os trabalhos científicos que pautaram a participação das mulheres na agroecologia tiveram suas primeiras publicações entre 1990 e 2000 (RAMOS FS, 2017). Com o passar dos anos, mais estudos nesta temática têm sido executados (SCHWENDLER SF, 2015; MORAES LL e NASCIMENTO NMS, 2020; IBARRA ACR, PIZZINATO A e OLIVEIRA MZ, 2023). Mas existem ainda lacunas a serem investigadas, especialmente nas regiões periféricas do país.

Nessa reflexão, se faz necessária a adoção de uma estratégia de compreensão dos processos que têm levado à transição agroecológica a partir das mulheres do campo, para a implementação de políticas públicas eficientes no apoio às trabalhadoras rurais, que abarque geração de renda, conservação da biodiversidade e permanência no campo, tornando possível a consolidação da Agroecologia em seus aspectos teóricos e práticos nos mais diversos locais.

O objetivo desse trabalho é ampliar a discussão, a partir da literatura pesquisada, sobre as contribuições das mulheres para a gestão e salvaguarda da biodiversidade local a partir do manejo de agroecossistemas no contexto brasileiro.

## MÉTODOS

Esse estudo se dedicou a apresentar uma revisão narrativa. Esse tipo de revisão traz, por definição, uma abordagem descritiva de textos científicos, permitindo uma visão sistêmica, reflexiva e crítica do tema central da pesquisa. Para Ainol-Basirah AW e Siti-Nabiha AK (2022), o método narrativo facilita uma compreensão mais profunda de um tema complexo, integrando diversas perspectivas disciplinares e abordagens metodológicas.

Nessa construção, foram analisados artigos científicos publicados entre 2020 e 2024, indexados nas seguintes plataformas digitais: Scopus, Google Scholar e SciELO. Para a discussão teórica, foram considerados majoritariamente artigos em português, dado o contexto regional que se queria abordar; no entanto, na construção geral da revisão, também estão dispostas citações de documentos em língua inglesa e espanhola. Nas buscas, as palavras-chave utilizadas foram: “mulheres”, “biodiversidade”, “agroecologia” e “produtividade”.

Os artigos foram compilados e combinados aos resultados da pesquisa, e as duplicatas foram removidas. Inicialmente, foi realizada a seleção dos títulos e dos resumos, sendo escolhidos os mais atuais que se relacionavam diretamente às palavras-chave utilizadas na busca. Foram obtidos os textos integrais daqueles que cumpriram os critérios de elegibilidade (Quadro 1).

Autor(es) / Ano	Título do Trabalho	Objetivo / Foco*
Cenci e Lorenzo (2020)	A Mudança Climática e o Impacto na Produção de Alimentos: Alguns Elementos de Análise da Realidade Brasileira e Argentina.	Versa sobre a mudança climática e seu impacto na agricultura e pecuária brasileira e argentina, especialmente no que respeita à geopolítica da mudança climática e a produção de alimentos.
Moraes et al. (2020)	Mulheres Rurais Nordestinas e Desviantes: um Estudo Sobre a Quebra das Expectativas de Gênero no Meio Rural.	Compreender como mulheres rurais nordestinas rompem expectativas tradicionais de gênero ao assumir posições, práticas e comportamentos considerados “desviantes” no meio rural.
Motta (2020)	Saberes femininos e ancestralidade agrícola	Discutir contribuições de mulheres negras rurais.
Neves e Sebastiani (2021)	Mulheres Agricultoras e Agroextrativistas e Seu Papel na Conservação da Biodiversidade e na Promoção da Agroecologia.	Através de alguns exemplos de atividades extrativistas e agrícolas desempenhadas por mulheres, o presente artigo tem como objetivo relacionar essas atividades à conservação da agro e biodiversidade e à Agroecologia em cinco diferentes contextos brasileiros.
Zaremba et al. (2021)	Toward a Feminist Agroecology (Em direção a uma agroecologia feminista).	Revisar os 13 princípios definidores da agroecologia da HLPE (High-Level and Environmental Pecuary - Altas Práticas de Ecologia) sob uma perspectiva feminista para demonstrar como as dimensões humanas e as dinâmicas de poder estão interligadas em cada princípio.
Assefa et al. (2022)	Mulheres e conservação da biodiversidade	Relacionar gênero, biodiversidade e sistemas agrícolas
Ayres et al. (2023)	Interpelação das Mulheres Indígenas Sobre a Conservação de Seus Territórios.	Divulgar e potencializar as iniciativas locais e globais do movimento indígena para proteger seu corpo-território e natureza das crises ambientais por meio do engajamento coletivo é essencial em todo o mundo.
Ibarra et al. (2023)	Mulheres Agricultoras do Rio Grande do Sul: Suas Trajetórias no Contexto da Produção Agroecológica.	Analisar as narrativas biográficas de mulheres agricultoras sobre seu papel como trabalhadoras no contexto da agroecologia.
Rabelo et al. (2023)	Invisibilização da juventude rural no semiárido cearense.	Analisar recortes de gênero e juventude em políticas rurais.
Silva (2024)	Mulheres que semeiam agroecologia.	Abordar práticas femininas em sistemas alimentares.

**Quadro 1:** Caracterização dos estudos analisados: autoria (ano), título e objetivo/foco das publicações

\*Os objetivos aqui descritos foram retirados de forma integral dos trabalhos. A autora, 2025.

Para complementar e auxiliar na compreensão dos temas abordados nesse trabalho, somado às referências mais atuais (2020-2024), foram citados ao decorrer do texto estudos de anos anteriores, considerados importantes para balizar e ampliar a percepção sobre o papel das mulheres agricultoras na salvaguarda da biodiversidade a partir dos trabalhos produtivos desenvolvido por essas.

## DISCUSSÕES

Ao estudar a invisibilização da juventude rural a partir de uma perspectiva de gênero no semiárido cearense, Rabelo LS, et al. (2023) destacam a falta de inclusão das dimensões de juventude e gênero na aplicação de programas e projetos no meio rural. Essa prática reflete a organização de papéis familiares dessas populações, onde existe o hábito de negar uma devolutiva financeira para a mulher e seus filhos, já que as tarefas exercidas por esses são lidas como auxiliares (SANTOS MO, 2007). Essa construção social se repete historicamente e produz um cenário de desvalorização e silenciamento que atinge ainda mais as jovens mulheres, como apontam Chaves, et al. (2018), ao mostrar que o trabalho feminino segue subestimado mesmo quando constitui parte essencial da reprodução social e econômica das famílias.

Ainda no semiárido cearense, foram levantados dados que demonstram a relevância das contribuições femininas no manejo animal e vegetal, principalmente no que se refere à avicultura, suinocultura e horticultura (VIDAL DL, 2011). Apesar dessa parcela significativa de trabalho, as jovens mulheres têm procurado outros caminhos de reconhecimento, buscando trabalho e renda nos centros urbanos, o que se alinha às análises de Balsadi OV (2018) sobre a diminuição da força de trabalho feminina no Nordeste. Essa busca por autonomia também se articula ao legado de organização política das mulheres rurais, que historicamente criaram formas de resistência e afirmação frente a estruturas patriarcais e às desigualdades de acesso à terra, à renda e à assistência técnica.

A assertividade na adoção de critérios para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em 2011, que priorizou a participação de mulheres fornecedoras, como explicita a Resolução do GGPA n<sup>o</sup> 44 de 16/08/2011, demonstrou a capacidade de organização entre as mulheres do Nordeste. Elas foram responsáveis por 84% do fornecimento ao Programa entre 2009 e 2019, e, no cenário nacional, mulheres representaram 80% dos participantes em 2019 (BRASIL CONAB, 2020). Esses dados reforçam que, apesar do êxodo rural, políticas públicas direcionadas às mulheres têm ampliado o acesso ao mercado institucional e contribuído para a

autonomia econômica e para o reconhecimento da agricultura familiar como prática feminina, coletiva e socialmente relevante.

Nessa continuidade, evidencia-se a importância da implementação de programas e políticas públicas voltadas a esse público. Outro programa que ilustra bem isso é o Quintais Produtivos, criado pelo Governo Federal em 2023 (Decreto nº 11.642/2023), com o objetivo de:

Promover a autonomia econômica das mulheres rurais mediante: a estruturação de quintais produtivos; a organização produtiva; acesso às políticas públicas de apoio à produção e comercialização de alimentos. São áreas de terras individuais ou coletivas, de estabelecimentos particulares ou com reconhecimento de posse ou uso coletivo, de extensão variada, utilizadas para fins agrícolas e de produção sustentável (Decreto Nº 11.642/2023).

Há uma lacuna literária nesse campo, de como esses programas de incentivo chegam até as mulheres rurais, urbanas e periurbanas, e ainda como esse processo tem impactado a noção de corpo-território, presente nos relatos e nas narrativas de agricultoras que os trabalhos lidos entrevistaram. As vivências que essas sujeitas trazem ampliam a compreensão da experiência feminina com a terra, atravessada por memória, afetos e espiritualidade, elementos que estruturam formas próprias de conhecer e conservar a natureza.

Essas narrativas, que revelam a profundidade da relação das mulheres com o território, contrastam com a realidade que limita sua atuação produtiva. Embora suas experiências indiquem um vínculo íntimo com a terra e uma compreensão ampliada dos processos ecológicos, o acesso formal aos recursos produtivos continua marcado por desigualdades históricas. A distância entre o reconhecimento simbólico dessas práticas e as condições concretas de acesso à terra evidencia um descompasso que precisa ser enfrentado, especialmente porque a autonomia territorial é elemento central para que essas mulheres possam sustentar, ampliar e transmitir os saberes que conservam a biodiversidade.

Assim, a administração de estabelecimentos rurais é um fator a ser considerado. Levantamentos recentes indicam que o número de mulheres responsáveis por esses estabelecimentos aumentou no Brasil. Segundo o Censo Agropecuário, são 946,1 mil mulheres, das quais 57% estão no Nordeste, com destaque para a Bahia (BRASIL IBGE, 2017). Ainda assim, a direção de propriedades rurais por mulheres representa apenas 19% do total, revelando que a desigualdade no acesso à terra permanece como um entrave estrutural. Isso se conecta ao debate trazido por Biase L (2007) e Siliprandi (2015), que ressaltam como as mulheres enfrentam sistemas culturais, jurídicos e produtivos marcados pela herança colonial, pela divisão sexual do trabalho e por uma lógica de desenvolvimento rural que privilegia grandes proprietários e monoculturas em detrimento dos modos de vida camponeses.

Como gestoras de suas unidades produtivas, as mulheres têm contribuído para além da produção agrícola e pecuária propriamente dita. É fundamental trazer à luz as contribuições das mulheres para a agrobiodiversidade e para a segurança alimentar. As mulheres têm desempenhado papel crucial na diversificação dos sistemas agrícolas, articulando práticas de cuidado, reprodução da vida e conservação da natureza (ASSEFA W, et al., 2022). Essa perspectiva dialoga com os resultados apresentados por Motta (2020) e pelo Núcleo Jurema, destacando que os saberes femininos são transmitidos intergeracionalmente nos quintais produtivos, nas experiências com plantas medicinais, no uso de sementes crioulas e na gestão de agroecossistemas complexos de forma coletiva.

Os estudos de Neves GC e Sebastiani R (2021) reforçam que, quando as mulheres atuam organizadas em coletivos — como quebradeiras de coco babaçu, catadoras de mangaba, marisqueiras, manejadoras de andiroba e agricultoras familiares —, sua capacidade de conservação da biodiversidade é potencializada. Essas práticas agroextrativistas, além de promoverem a manutenção das espécies nativas e o uso sustentável dos recursos naturais, fortalecem redes de pessoas, garantem geração de renda e ampliam a autonomia da comunidade, revelando o vínculo entre empoderamento, conservação ambiental e soberania alimentar.

A literatura ecofeminista também contribui para ampliar essa discussão, ao relacionar opressões de gênero e degradação ambiental. Autoras como Mies M e Shiva V (1993) e Hooks (2017) argumentam que o conhecimento produzido pelas mulheres é profundamente situado na experiência, no corpo e no território — elementos que se conectam às práticas agroecológicas e à manutenção da biodiversidade. O ecofeminismo denuncia o silenciamento simultâneo das mulheres e da natureza (CARMO, et al., 2016), propondo leituras que valorizam saberes tradicionais e que reconhecem as mulheres como protagonistas de processos de transição agroecológica.

Assim, as práticas agroecológicas realizadas por mulheres promovem o manejo sustentável, conservam sementes, equilibram solo e clima local, ampliam a diversidade vegetal e garantem segurança e soberania alimentar de suas famílias (SILVA G, 2024). Em muitos casos, como mostram as Cadernetas Agroecológicas, essas ações permanecem invisíveis às estatísticas oficiais, apesar de serem fundamentais para o funcionamento dos agroecossistemas.

Nesse sentido, as mulheres devem estar no centro da transição agroecológica, pois cooperam de forma ímpar para o bem viver de suas famílias e comunidades por meio da diversificação da renda, cultivo sustentável e incentivo à justiça social (OLIVER B, 2016). Ao

mesmo tempo, enfrentam desafios estruturais como falta de acesso à terra, assistência técnica insuficiente, violência doméstica e institucional, e políticas públicas que ainda não as reconhecem como sujeitas centrais do desenvolvimento rural.

Diante desse conjunto de evidências, torna-se visível que as mulheres não apenas participam, mas estruturam modos de produzir e conservar a vida nos mais diversos ecossistemas. No entanto, ao aprofundar a literatura disponível, percebem-se dimensões ainda pouco exploradas na discussão sobre o papel feminino na gestão da biodiversidade local, especialmente aquelas relacionadas às práticas cotidianas, aos saberes tradicionais e ao vínculo entre corpo, território e agroecossistemas. Assim, é necessário ampliar essa análise, incorporando elementos que atravessam as experiências das mulheres camponesas e revelam como elas produzem e salvaguardam a biodiversidade a partir de práticas socioambientais, culturais e políticas que sustentam a agroecologia na região.

Ao observar com maior atenção às práticas conduzidas pelas mulheres nos agroecossistemas do Nordeste brasileiro, por exemplo, percebe-se que sua relação com a biodiversidade ultrapassa a dimensão produtiva e alcança esferas simbólicas e culturais essenciais para a manutenção dos territórios. Nos textos analisados, especialmente aqueles vinculados ao Núcleo Jurema, fica evidente que os quintais produtivos, hortas, terreiros e pequenas áreas de manejo são espaços de experimentação, circulação de saberes e transmissão intergeracional de conhecimentos. Nesses ambientes, as mulheres testam sementes crioulas, domesticam espécies, manejam plantas medicinais e articulam consórcios produtivos que fortalecem o solo, preservam insetos polinizadores e criam verdadeiros núcleos de diversidade em meio ao avanço do agronegócio e da desertificação.

Também se observa uma lacuna importante na discussão sobre o agroextrativismo feminino no Nordeste. Nos textos de Neves GC, Sebastiani R, et al. (2021), práticas de mulheres quebradeiras de coco, marisqueiras, catadoras de mangaba e manejadoras de andiroba são apresentadas como estratégias de uso sustentável e conservação de espécies nativas. Esses grupos mantêm sistemas de coleta baseados no respeito aos ciclos reprodutivos, na seleção cuidadosa dos frutos e na proteção das áreas de ocorrência natural, contribuindo diretamente para a permanência da biodiversidade. Além disso, quando organizadas coletivamente, essas mulheres fortalecem cadeias produtivas inteiras, agregando valor aos produtos da sociobiodiversidade e garantindo renda sem romper o equilíbrio ecológico. Essa dimensão ainda pouco visível na literatura mais ampla reforça que a conservação no Nordeste é, em muitos

casos, uma prática cotidiana conduzida por mulheres que conciliam subsistência, cuidado e preservação ambiental.

Outro ponto que merece aprofundamento diz respeito às políticas públicas e aos limites impostos pelo acesso desigual à terra, ao crédito e à assistência técnica, como mencionado anteriormente. Embora o PAA tenha representado um avanço significativo ao priorizar mulheres fornecedoras, os textos indicam que a assistência técnica ainda não alcança de forma equânime as agricultoras. Muitas delas trabalham em áreas pequenas, fragmentadas ou não regularizadas, o que intensifica sua vulnerabilidade e reduz as oportunidades de inserção em mercados formais. Sem apoio técnico adequado, práticas de manejo que poderiam potencializar a fertilidade do solo, ampliar a produtividade e fortalecer a conservação acabam restritas ao aprendizado informal ou à troca entre pares. Apesar disso, iniciativas como as Cadernetas Agroecológicas mostram que, mesmo invisibilizadas, as mulheres produzem uma riqueza de alimentos, plantas medicinais e espécies nativas que sustentam a diversidade local e garantem segurança alimentar.

Por fim, a literatura revela a urgência de compreender como mudanças climáticas, longas estiagens e pressões territoriais afetam desproporcionalmente as mulheres rurais. No semiárido, elas desenvolvem estratégias de convivência com a seca que incluem armazenamento de água, seleção de espécies mais resistentes, proteção de sementes e reorganização dos sistemas produtivos. Essas práticas, muitas vezes não reconhecidas como tecnológicas, representam formas eficientes de adaptação e conservação, especialmente em contextos onde a biodiversidade é diretamente ligada à sobrevivência das famílias. Assim, ampliar a discussão sobre gênero, manejo de agroecossistemas e biodiversidade no Nordeste significa reconhecer que as mulheres encarnam, em suas práticas diárias, uma síntese profunda entre resistência, conhecimento e cuidado, sustentando formas de vida que mantêm a sociobiodiversidade mesmo em cenários de desigualdade e adversidade ambiental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a literatura revisada demonstra que a participação das mulheres na gestão e salvaguarda da biodiversidade local não é apenas relevante — é indispensável. Estudos futuros que possam relacionar gênero, diversidade e agroecologia poderão contribuir para compreender mais profundamente os marcadores sociais, econômicos e culturais que estruturam a produção,

as vivências e a permanência das mulheres do campo, assim como a forma como suas práticas transformam e irradiam a agroecologia como projeto político, epistemológico e produtivo.

A literatura revisada mostra que, mesmo diante de desigualdades estruturais — como restrições de acesso à terra, crédito, documentação, assistência técnica e participação em espaços de decisão — as mulheres seguem produzindo, organizando-se e transformando seus territórios. Suas contribuições não se limitam à produção agrícola; abrangem dimensões culturais, simbólicas e políticas que sustentam a vida e a biodiversidade, especialmente em regiões marcadas por vulnerabilidades climáticas e pela expansão de modelos produtivos insustentáveis. O avanço de políticas como o PAA, PNAE e o Programa de Quintais Agroecológicos evidencia que, quando são priorizadas enquanto sujeitas de direito, as mulheres ampliam sua participação econômica e fortalecem sistemas alimentares locais mais justos e ecológicos.

Assim, as práticas femininas nos agroecossistemas não são apenas produtivas, mas pedagógicas: transmitem saberes intergeracionais, preservam modos de vida e criam condições para que jovens mulheres possam reconhecer-se como parte das dinâmicas de cuidado, manejo e defesa dos territórios. As experiências analisadas apontam que a relação entre mulheres e biodiversidade está profundamente enraizada na noção de corpo-território, nas memórias de luta, na ancestralidade agrícola e nas formas de organização comunitária. Esses elementos contribuem para construir uma agroecologia que é, simultaneamente, ciência, prática e movimento.

## REFERÊNCIAS

AINOL-BASIRAH AW, SITI-NABIHA AK. Responsabilidade nas instituições waqf: uma revisão metanarrativa. *Revista de Contabilidade Islâmica e Pesquisa Empresarial*, 2022; 14(1): 181-201.

AYRES AD, KAINGANG DJ, NERES VFH, et al. A interpelação das mulheres indígenas sobre a conservação de seus territórios. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 2023; 21(1): 34-51.

ASSEFA W, KAWESSA G, DATIKO D. Agrobiodiversity and gender: the role of women in farm diversification among smallholder farmers in Sinana district, Southeastern Ethiopia. *Biodiversity and Conservation*, 2022; 31: 2329-2348.

BALSADI OV, DELGROSSI ME. Labor and employment in Brazilian northeastern agriculture: a look at the 2004-2014 period. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 2018; 56(1): 19-34.

BIASE L. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia. *Revista Agrária*, 2007; 7: 4-36.

BRASIL IBGE. Censo agropecuário, 2017.

BRASIL CONAB. Compêndio de estudos Conab, 2020; 17.

CARMO V, MATOS L, MANCIO D, et al. Etnopedologia: buscando o olhar de quem amanha a terra. In: CARDOSO IM, FÁVERO C (ed.). *Solos e agroecologia*. Brasília: Embrapa, 2017; p. 159-198.

CASTRO DJFA, MONTEIRO BAP. A (re)existência de mulheres na forma de saberes ancestrais: repensando outras relações entre ciência, ambiente e educação no contexto pandêmico. *Revista Sergipana de Educação Ambiental*, 2020; 7: 1-16.

CENCI DR, LORENZO C. A mudança climática e o impacto na produção de alimentos: alguns elementos de análise da realidade brasileira e argentina. *Revista do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da Unijuí*, 2020; 29(54): 32-43.

HOOKS B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017; 288 p.

IBARRA ACR, PIZZINATO A, OLIVEIRA MZ. Mulheres agricultoras do Rio Grande do Sul: suas trajetórias no contexto da produção agroecológica. *Psicologia & Sociedade*, 2023; 35: 1-17.

MIES M, SHIVA V. *Ecofeminismo*. 1993; 504 p.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL. *Quintais produtivos*.

MORAES LL, NASCIMENTO NMS. Mulheres rurais nordestinas e desviantes: um estudo sobre a quebra das expectativas de gênero no meio rural. *Amazônica - Revista de Antropologia*, 2020; 12(2): 725-747.

MOTTA VD. Por uma agroecologia antirracista. *Cadernos de Agroecologia*, 2020; 15(3): 1-6.

NEVES GC, SEBASTIANI R, OLIVEIRA RE. Mulheres agricultoras e agroextrativistas e seu papel na conservação da biodiversidade e na promoção da agroecologia. *Cadernos de Agroecologia*, 2021; 16(1).

OLIVER B. “The earth gives us so much”: agroecology and rural women’s leadership in Uruguay. *Culture, Agriculture, Food and Environment*, 2016; 38(1): 38-47.

RABELO LS, BURTE JDP, BOILLOT EAS, et al. The invisibility of young people in family farming: a gender perspective in the semi-arid region of Ceará, Brazil. *Cahiers Agricultures*, 2023; 32(6): 1-9.

RAMOS FS. Do campo à academia, da academia ao campo: as mulheres na agroecologia. *Revista de Ciências Sociais*, 2017; 7(1): 43-65.

SANTOS MO. A mulher e a reprodução social da família. *Revista Ártemis*, 2007; 7: 88-92.

SCHWENDLER SF. The pedagogical process of gender struggle within land struggle: the challenge of transforming social practices and relationships. *Educar em Revista*, 2015; 55: 87-109.

SILIPRANDI E. Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015; 352 p.

SILVA G. Desafios e perspectivas de mulheres que semeiam agroecologia: na terra, na escrita e na biodiversidade. *Cadernos de Agroecologia*, 2024; 19(1).

VIDAL DL. Rural women management in the northeastern Brazilian semiarid. *Archivos de Zootecnia*, 2011; 60(232): 1137-1148.

VIEIRA BB, MILWARD-DE-AZEVEDO MA. Etnobotânica e o ecofeminismo em prol da conservação ambiental. *Revista Diversidade e Gestão*, 2018; 2(2): 178-188.

ZAREMBA H, ELIAS M, RIETVELD A, et al. Toward a feminist agroecology. *Sustainability*, 2021; 13(20): 11244.